



III Encontro Nacional de Letras  
no Litoral Norte da Paraíba

## RODA POÉTICA: NARRATIVAS DE MÃES-EDUCADORAS E A LITERATURA COMO POSSIBILIDADE DE TRANSGRESSÃO

III Encontro Nacional de Letras no Litoral Norte da Paraíba - ELLIN-PB, 3ª edição, de 08/05/2024 a 10/05/2024  
ISBN dos Anais: 978-65-5465-093-9

**MENEZES; Diane Miranda**<sup>1</sup>

### RESUMO

**ST 16 - LITERATURA E PERSPECTIVAS CONTRACOLONIAIS**

**RODA POÉTICA: NARRATIVAS DE MÃES-EDUCADORAS E A LITERATURA COMO POSSIBILIDADE DE TRANSGRESSÃO**

**Diane Miranda Menezes**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

diane-menezes@hotmail.com

Este trabalho se inscreve na pesquisa em andamento no programa de Mestrado em Estudos de linguagens: contextos lusófonos Brasil-África (MEL), da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), campus dos Malês, em São Francisco do Conde - Bahia, intitulada "Narrativas de mães-educadoras como letramentos de resistência".

Nesse sentido, destaca a relevância de escutar as vozes das educadoras, isto é, além das professoras, as mães das(os) estudantes, definidas como *mães-educadoras*, são trazidas para o escopo do corpo educador da escola. Com a intenção de, acessar nas práticas realizadas, o protagonismo que as mães assumem ao acompanhar o percurso de escolarização de suas crianças. Para que, através de suas narrativas, seja possível acessar os letramentos de resistência produzidos por essas mulheres no ato de educar e como estes permeiam a prática pedagógica.

É importante ressaltar que, a categoria de *mãe-educadora* é definida por reconhecermos o papel significativo dessas mulheres na prática pedagógica desenvolvida pela professora e não ter a visibilidade que as tornam necessárias no currículo escolar. As narrativas dessas educadoras, através de suas vivências, ou seja, com os seus saberes estão a produzir conhecimentos nos contextos em que estão inseridas, por que então não as enxergamos como parte do processo?

Desse modo, discorre sobre a metodologia pretendida nesta pesquisa que tem a literatura como

<sup>1</sup> Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB , diane-menezes@hotmail.com

aporte, mais especificamente, as poesias periféricas produzidas por mulheres negras. Assim, a partir do que denomina de *roda poética*, busca realizar a coleta de dados, ao passo que configura a ida a campo, permitindo criar uma outra lógica de intervenção, valorizando as relações que perpassam o processo de ensino-aprendizagem. A literatura, então, é trazida como possibilidade de transgressão para dialogarmos sobre o trabalho educativo realizado na escola.

O lócus dessa pesquisa é o Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Cecy Andrade, localizado em Sussuarana, um bairro da periferia de Salvador, que nesta pesquisa não será descrito a partir das suas vulnerabilidades, associadas a índices de criminalidade ou violência, mas na sua potência, em sua efervescência artístico-cultural. O bairro de Sussuarana é também reconhecido pela valorização identitária de sua população e a presença marcante de grupos e saraus de poesia definem a sua dinâmica e constituição, o que nos interessa neste estudo.

Nessa escola, composta exclusivamente de educadoras, atuo como professora e atendemos crianças majoritariamente negras, que chegam neste espaço acompanhadas de mulheres: mães, avós, tias e etc. que assumem as crianças e se tornam parceiras no trabalho que realizamos no CMEI. A escolha em trazer ao debate as *mães-educadoras* nos contempla, visto que direciona o que propomos, já que em sua maioria assumem o papel de mães no contexto de suas famílias.

Por conseguinte, descrevemos neste trabalho, ora ou outra, as *mães-educadoras* como *mães-onças*, fazendo referência à força ancestral que rege a localidade de Sussuarana e, sobretudo, valorizando a identidade negra dessas mulheres. Portanto, ao abordar as mães das crianças, com os saberes que se propõem e os conhecimentos que trazem, buscamos evidenciar como constituem o currículo, este entendido nas múltiplas dimensões que envolvem a prática pedagógica.

Diante disso, essa pesquisa tem como objetivo compreender, a partir das narrativas das mães, como estas são constituintes do fazer pedagógico, produzindo letramentos de resistência (SOUZA, 2011). Busca-se evidenciar memórias, experiências e vivências das *mães-educadoras*, como inerentes ao currículo (ARROYO, 2013), a partir da escuta dessas mulheres. Além disso, pretende identificar letramentos de resistência permeando o trabalho educativo desenvolvido pela professora. E engendrar possibilidades que permitam à professora, às crianças e às suas mães enxergarem a escola em sua práxis libertadora (FREIRE, 2019).

Nesta pesquisa, utilizamos o termo letrar (MARCUSCHI, 2010) designado como o ato de interpretar o mundo, por entendermos que há letramento acontecendo em diferentes esferas por diferentes sujeitos. Logo, nessa variedade de práticas letradas, a educação escolar se configura. Então, as narrativas produzidas pelas *mães-educadoras*, nesse espaço formativo que é a escola, também, constitui o currículo. Por isso, enfatizamos a necessidade de evidenciar nas narrativas dessas mães e a identificação desses letramentos a permear a prática pedagógica, definido como *letramentos de resistência*.

Dessa perspectiva, por acreditarmos na escola como um espaço possível de transgressão (HOOKS, 2017) e diante das possibilidades, enquanto educadoras comprometidas com a realidade que estamos inseridas, escolhemos seguir sendo resistência. Pensamos nesse trabalho na medida em que participamos do processo de ensino-aprendizagem e, nessa lógica, ao ouvir vozes sistematicamente silenciadas, temos a oportunidade de resistir a essa escola que insiste em demarcar lugares, excluir a diversidade, silenciar as(os) sujeitos que dela fazem parte. Portanto, buscamos enxergar a escola como lugar de transformação.

Ao discutir sobre o corpo como produtor de epistemologias, o prof. Eduardo Miranda (2020) nos apresenta a categoria *corpo-território*, nos permitindo pensar a educação sob o viés dos corpos colonizados que foram forjados por um sistema que descreve como capitalista e racializado. O referido autor problematiza sobre perceber esse *corpo* como reafirmação de uma construção sócio-histórica, pois estamos em disputa dentro desse contexto, que se constitui em um campo de insurgências (MIRANDA, 2020).

Sendo a nossa sociedade estruturada por uma formação colonial e racista, a escola reproduz e gera exclusão, não se constituindo como um campo neutro (GOMES, 1995). O que, então, enquanto professoras temos feito para subverter o que está posto como relevante? Se queremos educar para uma nova sociedade, de que princípio devemos partir? Se letramento é prática, é acontecimento, por que as(os) diferentes sujeitos que fazem parte do processo de ensino-aprendizagem não têm tido o reconhecimento de sua presença?

Ao discutir sobre o currículo escolar, enquanto um território de disputa, Arroyo (2013) discorre sobre a autoria e a necessidade da criatividade docente como caminho para permitir que os diversos conhecimentos sejam valorizados na escola. Segundo o autor, os currículos não devem se fechar a dinâmica do próprio conhecimento, mas precisam se abrir às indagações da dinâmica social. Dessa forma, admite-se que a educação segue sendo determinada a partir da instituição escolar, mas também que acontece para além dos muros da escola.

Desse modo, considerando a necessidade de situar o lugar de onde me disponho a discutir ser professora, cabe destacar que currículo não é definido nesse trabalho como um conjunto de habilidades e competências a ser utilizado pela escola para cumprir metas e procedimentos, cabendo aos estudantes a obrigação de apreender os conteúdos. Ao pensar em currículo, costumamos limitar a ideia de conhecimento como algo fechado em si mesmo, quando o conhecimento está envolvido no que somos, em nossa identidade e subjetividades (SILVA, 2017).

Ao tratar sobre a proposta metodológica neste trabalho, antes de trazer como a literatura se apresenta encaminhando essa pesquisa, é importante destacar que nos propomos a utilizar como fonte de análise, os relatos produzidos pela professora e, sobretudo, pelas mães das crianças, tendo a observação enquanto investigação social (LAKATOS E MARCONI, 2003). Trata-se de um estudo de campo, de cunho qualitativo, no qual se entende a pesquisadora, como professora e participante dessa análise.

Vale ressaltar ainda que, o tratamento das narrativas das *mães-educadoras* se faz análogo ao proposto por Grada Kilomba (2019), que descreve a partir das narrativas de mulheres negras a possibilidade de construção de novos sentidos, ao se apropriarem de suas vozes. A ideia ainda, é que ao escutar o que essas mulheres têm a nos falar, estejamos atentas, também, às suas expressões, que podem não ser ditas através de suas falas, mas que podem dizer sobre o que pensam. Com isso, propomos a construção de um ambiente seguro e de compartilhamento, que se sintam respeitadas em suas particularidades.

Neste primeiro ano de estudo, iniciamos o trabalho de campo com uma atividade vinculada à culminância do projeto didático desenvolvido no CMEI no ano de 2023 junto a um grupo de mães desse espaço, através de nossa primeira *roda poética*. A professora-pesquisadora acessou o lócus de sua pesquisa, no qual foi possível perceber que a criação de um espaço em que é permitida a reciprocidade de escuta entre a professora e as mães das crianças se constituiria como um caminho possível para refletirmos sobre o fazer pedagógico, bem como a importância da atuação dessas educadoras junto ao trabalho da professora.

As rodas poéticas surgem, então, a partir desse convite da escola, tendo em vista a minha pretensão de realizar a pesquisa junto às mães das crianças. A proposta do projeto didático foi pensada com o objetivo de valorizar as mulheres de nossa escola, evidenciando o protagonismo que assumem na formação de nossa sociedade. E teve por objetivo contribuir para que as crianças se sentissem capazes de estabelecer uma relação baseada na igualdade e no respeito às suas individualidades, a partir do protagonismo de meninas e mulheres na literatura.

Dessa perspectiva, através de temas relativos à equidade de gênero na literatura infantil, neste projeto buscou-se desenvolver atividades capazes de favorecer o enfrentamento do machismo e das violências que têm como base as desigualdades entre homens e mulheres; Conscientizar as crianças das lutas realizadas pelas mulheres; Conhecer e reconhecer mulheres protagonistas na história e no entorno da comunidade; Promover ações em que os desejos e expressões das crianças fossem possíveis, sobretudo, ao problematizar as desigualdades e injustiças contra as mulheres.

Nesse sentido, procuramos neste encontro enfatizar a importância das mulheres que frequentam esse espaço, utilizando-se da poesia para acessá-las, na identidade que se reconhecem, em seus anseios e sonhos. Sem perder de vista algumas problematizações da pesquisa: Em que medida essas mulheres se sentem parte do trabalho educativo que acontece? Ao se sentirem parte da escola, de que forma nós, professoras, entendemos essas mulheres como educadoras? Em algum momento já foi possível às mães falarem sobre a prática pedagógica desenvolvida no CMEI?

Nesta pesquisa, pretendemos não deixar passar despercebido o contexto das(os) estudantes com suas histórias que chegam latentes, disponíveis e que precisamos somente escutar. A nosso ver, enxergar essas crianças como sujeitas, isto é, como pessoas dotadas de histórias, nos permite enxergar as suas famílias, mais especificamente, as suas mães na atribuição de acompanhar o percurso de escolarização de seus filhos e de assumirem, sobretudo, esse papel de educar. E ao trazer visibilidade para essas mães, propomos validar esse protagonismo.

Isto posto, com essa pesquisa buscamos dialogar com a escrita de mulheres pretas e poetisas, algumas moradoras da cidade de Salvador, para direcionar a atividade realizada. E vale destacar que, a receptividade das mulheres da comunidade escolar que estiveram presente nesta roda poética mostrou o quanto a arte e a educação podem caminhar juntas nesse percurso de escolarização, promovendo o entusiasmo que nos falta no cotidiano da sala de aula, frente aos desafios que o fazer educativo em uma escola pública supõe.

Foi pensada uma playlist com músicas, ora denominada *Porque somos mulheres!* Pensamos que à medida que fossem chegando na sala, a música ambiente poderia, também, abraçá-las. Iniciamos a roda com a poesia “Quem sou?”, de Jackeline Pinto Amor Divino, poetisa que integra a coletânea **Poéticas periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana**. Me apresentei dizendo o meu nome para quem não me conhecia, com uma palavra que considere definir no momento e pedi que cada uma das mulheres que estava presente fizesse o mesmo.

Feito isso, recitei a poesia “Eu, Deusa”, de Gleide Davis, poeta suburbana de Salvador, como se define, da coletânea acima referida. A ideia foi diluir essa roda de conversa com poesia para fazermos desse encontro um espaço seguro e prazeroso. Falei, então, sobre a proposta da *roda poética*, o que pretendia, explicando o caminho que iríamos percorrer juntas. Nessa roda, o meu objetivo era que as mães pudessem se inteirar sobre o projeto didático que a escola estava desenvolvendo com suas crianças, no qual elas seriam as protagonistas. Ao mesmo tempo que,

enquanto pesquisadora, fosse possível compreender o que estaria propondo com a minha intervenção.

Seguimos então, com a atividade denominada *Versinhos poéticos de empoderamento*, uma sacolinha, então, com trechos de versos poéticos que lembram anúncios de classificados foi disponibilizada na roda para ser lido, sendo depois compartilhado com as demais mulheres, através de um desenho. Foi nítido o envolvimento e à medida que a leitura ia sendo feita, comentamos sobre esses versos. Conversamos, então, sobre os desafios da maternidade, como estavam se priorizando enquanto pessoas. Além disso, discutimos os desafios impostos pela sociedade às mulheres, o que pensam sobre isso e o que desejam.

Combinamos em seguida, de fazer girar nossa roda com a próxima atividade, chamada de *Memórias de menina*, no qual recitei a poesia 113, do “Livro do avesso: o pensamento de Edite”, de Elisa Lucinda. Em uma recordação dos tempos de criança, ao observar a sua avó trabalhar com afínco nos avessos de seu bordado, a autora nos convida a olhar para dentro, nas memórias que marcaram cada trajetória, para falarem um pouco de si. Ainda que, ao rememorar tais lembranças nos trouxesse incômodos, estar em contato com esses “avessos” poderia ser importante para refletirmos sobre o roteiro do caminho que cada uma pretende seguir.

Nessa atividade, a proposta foi lembrar sobre a educação recebida no tempo de menina, em casa e na escola. Sugerimos que as falas fossem sobre o que vivenciaram quando crianças, sendo meninas. Havia determinações sobre o que a menina podia e não podia fazer? Como era esperado que se comportasse? Precisava ser diferente a forma de educar meninas e meninos? Como se sentiam, enquanto mulher, buscando na memória essas vivências? Depois de um momento em que pudessem fazer esse registro no papel, decidimos socializar no grupo.

Fora cogitada a possibilidade de algumas mulheres não se sentirem à vontade para ler a sua memória, caso não fosse do interesse compartilhar, por entendermos que poderiam acessar memórias delicadas que perpassam a história de cada participante. No entanto, fomos surpreendidas com a confiança estabelecida durante a atividade. É possível inferir que, as mulheres que estiveram presentes na roda construíram um espaço seguro de troca, demonstrando atenção ao que ia sendo relatado, bem como sensibilidade e respeito às demais nesse processo de escuta. Tivemos a oportunidade de revisitar memórias com registros de muita empolgação, onde as brincadeiras permearam essas vivências tanto no ambiente doméstico, quanto escolar.

As brincadeiras na rua estavam presentes em boa parte do que trouxeram em suas falas. E muitas relataram não haver diferença durante a infância, entre brincadeiras ditas de “menina” e de “menino”. Além disso, determinações do que “podia” e “não podia” às meninas foram evidenciadas, o que trouxe problematizações por parte das mulheres que participaram da roda, devido a semelhança, no que diz respeito às atribuições para as meninas dos cuidados com a casa, mais especificamente, dos afazeres domésticos. Tendo somente uma das mulheres falado que em sua família não havia essa diferença entre ela e o irmão. Lembranças que machucaram, no que se refere a processos familiares abusivos vieram à tona, também, mas foram seguidas de palavras de acolhimento e muito afeto.

Dessa perspectiva, seguimos para a leitura de um trecho do livro “Canção para ninar menino grande”, de Conceição Evaristo. Encaminhamos a conversa, então, para o perfil do protagonista, Fio Jasmim, e a educação que teve de seu pai quando menino e que contribuiu para a formação do homem que se tornou. A ideia estava em escutar as mulheres sobre suas impressões acerca do que foi lido e o que mais fosse possível provocar. Percebemos que, como educadoras, é necessário

nos mantermos atentas à educação atribuída às meninas e aos meninos, para que desde crianças, se vejam parte de uma sociedade capaz de rever o tratamento dado às mulheres.

A nossa roda foi finalizada com a proposta de não deixar de se movimentar frente às discussões em torno da contribuição dessas mulheres e educadoras. Recitei “Pés calçados”, de Anajara Tavares. Essa poesia que se fez convite para assumir quem somos, cientes de quem podemos ser e de como podemos transformar essa sociedade, ao acreditar na possibilidade de convivermos de forma igualitária. De modo que, se torne para nós um lugar seguro para viver, expressar nosso corpo no mundo, colocar nossa voz e acreditar que podemos muito mais do que fomos socializadas a aprender.

A literatura já se constitui como parte do trabalho desenvolvido no CMEI, haja vista o projeto didático em andamento, do qual foi possível organizar essa roda poética. Assim, a poesia produzida na periferia por mulheres negras se configurou como uma estratégia promissora para realizar essa pesquisa. Tendo sido organizada como uma ação do projeto, buscamos levar em consideração o acolhimento necessário para que as mães pudessem participar de uma vivência literária, em que pudessem se expressar, sendo convidadas a se reconhecerem como pertencentes ao que é produzido de conhecimento nesse espaço.

Sendo assim, ao reiterar sobre a aplicabilidade das rodas poéticas e trazê-las como inerentes ao percurso metodológico do estudo a ser realizado, nos apropriamos ainda mais da categoria *mãe-educadora*, reforçando que cabe a nós, professoras, suscitar o protagonismo dessas mães no trabalho educativo que desenvolvemos na escola. É notório que essas mães assumem um papel significativo ao acompanharem o percurso de escolarização de suas crianças, por que então, não serem reconhecidas quanto à sua importância?

Há saberes sendo compartilhados nesse espaço, vindos de sujeitas feitas de histórias, que inseridas dentro de suas comunidades movimentam esse lugar atuando nesses espaços, quicá quando nos referimos a educação empreendida junto às suas crianças e o que estamos fazendo para que façam parte do conhecimento que está sendo produzido na escola? Portanto, à medida que entendermos que as vozes dessas *mães-educadoras* ocupam esse espaço junto com as suas crianças e precisam ser escutadas, será possível construirmos a escola que desejamos.

## Referências

- ARROYO, Miguel. **Currículo, território em disputa**. 5 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 71. Ed. Rio Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- GOMES, Nilma Lino. Racismo e Imaginário social: desdobramentos da realidade escolar. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- JESUS, Waldeck Almeida de. (Org). **Poéticas periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana**. Vitória da Conquista: Editora galinha pulando, 2017.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**.

5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEÃO, Ryane. **Tudo nela brilha e queima**. São Paulo: Planeta, 2017.

LUCINDA, Elisa. **Livro do avesso**: o pensamento de Edite. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

MARCUSCHI, L.A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & educação decolonial**: proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador: EDUFBA, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SOBRAL, Cristiane. **Não vou mais lavar os pratos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramento da reexistência**. Poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Parábola, 2011.

TAVARES, Anajara. **Unguento**. Salvador: Segundo Selo, 2021.

**PALAVRAS-CHAVE**: Mães-educadoras, Currículo, Poesias periféricas, Letramentos de resistência